

10-2017

## Somos os primeiros brancos a viver naquele bairro

José Manuel Sabença

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana>

---

### Recommended Citation

Sabença, J. M. (2017). Somos os primeiros brancos a viver naquele bairro. *Missão Espiritana*, 27 (27). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana/vol27/iss27/64>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Missão Espiritana by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

como eles rezam ou louvam a Deus. O diálogo e o ecumenismo parece ser o caminho a seguir nesta nossa presença e testemunho. Há tempos atrás, no mesmo hostel Glebe, fomos convidados por um grupo de cristãos a participar na sua reunião de oração. Mais de 40 homens, todos bem vestidos e de gravata, se reuniram para ouvir a palavra de Deus. É certo que o faziam de uma maneira um pouco excêntrica, com muita repetição de Amém e Aleluia, a tempo e a fora de tempo, mas não deixou de ser interessante ver como Jesus Cristo pode ser uma referência importante na vida daqueles homens. E foi com muita reverência e respeito que ouviram aquilo que partilhamos com eles acerca da palavra de Deus.

A grande aposta da comunidade espiritana a trabalhar neste ambiente tem sido, e continuará a ser, visitar, contactar, ser um sinal nem que esse sinal mais não seja do que um sorriso e um bom dia ou boa tarde. Estamos numa fase dos sentidos: ver, ouvir e sentir. Ver como vivem, ouvir o que falam e pensam, sentir o que eles sentem. A Missão que nos está confiada não é uma missão que cresce do dia para a noite. Preparar o terreno para a sementeira leva muito tempo, sobretudo se o terreno já não foi tratado há muito tempo. O grande adubo de que precisamos é ganhar a confiança destes homens. Pela nossa franqueza, amizade e respeito queremos levá-los a acreditar que estamos no meio deles para com eles crescermos juntos para Deus e construirmos, em conjunto, o reino de Deus já neste mundo.

...

## **SOMOS OS PRIMEIROS BRANCOS A VIVER NAQUELE BAIRRO**

A Nova África do Sul está em gestação. O que será, como será só o futuro nos pode elucidar. A conferência Episcopal em recente carta pastoral apresenta a sua confiança e esperança num futuro democrático em que os 37 milhões de sul africanos, brancos, negros, mestiços e indianos escolherão pelo voto simples aqueles que conduzirão o país no futuro. Embora o futuro seja de esperança há muitas sombras que encobrem o horizonte democrático que se começa a vislumbrar. O desemprego é enorme. O êxodo para as cidades é impressionante. Cerca de 66% da população negra que são 25 milhões vive nos arredores das grandes cidades, outrora lugar unicamente para brancos. Cerca

de 2/3 da população negra tem menos de 27 anos e sem grande esperança de encontrar emprego. Daí que outros problemas afectem o tecido social do país tais como violência, assassinatos, alcoolismo, sida, etc. A cidade de Durban, na província do Natal, por exemplo, é actualmente a segunda cidade no mundo com maior índice de crescimento. Actualmente é habitada por 4 milhões de pessoas das quais 2 milhões vivem em bairros de lata nos arredores da bonita cidade.

É também nos arredores desta cidade marítima que estão situados os Hostels, espécie de dormitórios onde vivem mais de 130 mil homens e mulheres. Aí, só homens ou só mulheres, partilham o mesmo quarto com mais 3, 4 ou 8 colegas, como espaço exíguo para cozinhar, dormir e viver, longe das suas famílias e em condições muitas vezes infra-humanas. Os Hostels são um pouco um espelho da realidade social do país. Ali se encontra um pouco de tudo o que se sente à escala nacional: muitos desempregados, muita miséria, falta de privacidade, alcoolismo, violência, prostituição e até muita doença tais como tuberculose e sida.

É neste meio humano de pobreza que nós, missionários Espiritanos, nos começamos a mover em Novembro do ano passado. Somos três, eu e dois colegas: O Peter da Escócia o Eamon da Inglaterra. Em comunidade começamos a desbravar terreno. Nem sempre foi fácil entrar, até porque era raro ver padres por aqueles lados. Somos a primeira presença da Igreja católica naquele meio. Tudo iniciamos do zero. Antes de mais privilegiamos o contacto humano para nos irmos apercebendo mais profundamente da situação daquela gente. Visitas frequentes, de quarto em quarto, de bloco em bloco foi o que nos ajudou a ir descobrindo aqueles que estão abertos ao Evangelho. Embora as necessidades sejam grandes quer no campo social quer no campo higiénico e de saúde, cedo nos demos conta de que não poderíamos iniciar por esse caminho porque poderia ser interpretado politicamente e desvirtuar a nossa intenção de sermos um sinal de esperança para todos, pertençam eles a este àquele partido político. Daí termos sido, até agora, sobretudo agentes de oração: rezar com eles, ouvir os seus clamores, apresentá-los diante de Deus e revelar-lhes quanto Deus os ama e estima apesar da sua dor. Fruto desta acção pouco a pouco começaram a surgir pequenos grupos de oração e de escuta da Palavra de Deus. Grupos de 6, 7 ou 10 pessoas, pequenas gotas no oceano de milhares como é o caso em certos Hostels onde há mais de 20 mil.

No esforço de aproximação e inserção mais profunda no meio, acabamos de construir há cerca de dois meses uma pequena casa num bairro negro chamado Lamontville, a dois passos de dois grandes Hostels. Somos os primeiros brancos a viver naquele bairro. Ousadia? Não. Sinal de esperança na Nova África do Sul que está para surgir em que brancos e negros são convida-

dos a partilhar a vida a todos os níveis para a construção de um país próspero onde todos possam viver, ser felizes e louvar a Deus com um só coração e uma só alma. Porque acreditamos nisto continuamos a dar-nos a este projecto Hostel que é o projecto de levar o Evangelho aos mais pobres e abandonados.

*'Encontro', outubro de 1993, pp. 8 e 9.*

## ÁFRICA DO SUL AO SERVIÇO DOS POBRES

Na proximidade da quadra natalícia venho partilhar convosco algo mais sobre a nossa experiência missionária nos últimos tempos.

Apesar do acordo alcançado a 17 de Novembro em ordem à preparação das eleições para todos, em Abril próximo, há ainda muita incerteza acerca do futuro e muita violência que vai ceifando vidas humanas. Oxalá que a paz, que transborda do presépio, inunde os corações de quantos habitam nesta terra.

Desde há 5 meses que estamos na nossa casa, neste bairro negro chamado Lamontville. Sem grandes alaridos temos vindo a ganhar a confiança desta gente, embora muitos, sobretudo fora do bairro, nos perguntem se não temos medo. Não há razões para isso até porque procuramos viver muito ao jeito simples desta gente. Não temos empregados, nem televisão.

Só cozinhamos uma refeição por dia, ao meio-dia normalmente. À noite contentamo-nos com umas sandes e chá ou café. Tudo isto e a nossa vontade de servir faz com que a nossa comunidade seja aberta a todo e qualquer um que nos bate à porta. A nossa sala de estar/cozinha, por exemplo, é muitas vezes usada pelos paroquianos para reuniões, sobretudo ao domingo, o que faz com que comecemos a cozinhar só lá para as 2 h ou 3 h da tarde... já bem cheios de apetite!...

Esta mesma dinâmica de serviço vamos desenvolvendo nos Hostels. É um velhote, doente e abandonado, que precisa de ir para uma casa de III idade; é um trabalhador que é explorado e mal pago pelo patrão; é a polícia que dificulta a vida a quem vende cerveja passando-lhe muitas ilegais; é um grupo de pessoas que nos pede para rezar com os familiares daquele jovem que foi assassinado na sua barraca; é mais um grupo que vai crescendo pela oração; é uma máquina de costura que é preciso levar para compor porque a